



Editorial

Com alegria lançamos mais um número de nossa Revista Brasileira de Musicoterapia, a de número 22. A Revista apresenta artigos com tema de interesse e pertinência ao campo de estudo, pesquisa e prática da Musicoterapia e tem como premissa a publicação de artigos originais.

A Revista no. 22 inaugura com o artigo "A improvisação e o *Journal of Music Therapy*: houve um período de “surdez” da comunidade mundial em relação ao método?", de autoria de Melyssa Woituski, André Brandalise, Gustavo Schulz Gattino, Gustavo Andrade de Araújo. Esse trabalho apresenta questionamentos e reflexões acerca da improvisação em musicoterapia, tendo como fonte de consulta o *Journal of Music Therapy* (JMT), desde 1964 até os dias atuais. O trabalho de pesquisa se deu por meio da revisão sistemática, com o objetivo de analisar o que é improvisação em musicoterapia e qual é o seu papel no espaço clínico. Os resultados apontam que improvisação foi utilizada com variados objetivos, entretanto em uma população restrita e o principal foco encontra-se no comportamento e não no material criativo-musical produzido nos encontros musicoterapêuticos.

O segundo artigo destaca a importância do *feedback* e a sua utilização no contexto da musicoterapia. O trabalho, "*Feedback* em Musicoterapia grupal", de autoria de Marcus Vinícius Alves Galvão e Claudia Regina de Oliveira Zanini, resulta de uma pesquisa qualitativa, de observações de filmagens de atendimentos musicoterapêuticos grupais, com o objetivo de compreender e observar como se dá o *feedback* neste contexto. Os autores ressaltam a importância do musicoterapeuta ter consciência das ações de *feedback* entendendo-o como fundamental para o desenvolvimento de um bom processo terapêutico.

Na sequência, temos o artigo "Revisão sistemática sobre intervenções com idosos na área da Musicoterapia", de autoria de Maria Cristina Nemes, Mariana Lacerda Arruda, Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes, Gislaine Cristina Vagetti, que buscou na literatura, por meio da revisão sistemática, estudos sobre a intervenção de musicoterapia com idosos. As bases de dados foram PsycINFO, BVS, Capes, Century, Eric, Lilacs, Pubmed/Medline, Scielo, Revista Brasileira de Musicoterapia e Voices, em estudos publicados de janeiro de 2001 até dezembro do ano de 2016. Os dados conclusivos apontam que há benefícios das intervenções musicoterapêuticas, especialmente porque há uma grande adesão por parte das pessoas idosas a Musicoterapia e porque esta



mostrou-se uma importante atividade para a melhora da qualidade de vida destes.

Na sequência temos o artigo de Ana Maria de Barros, intitulado "Arte e ciência: análise das abordagens metodológicas da produção científica em musicoterapia". O trabalho teve como proposta apontar os possíveis fundamentos epistemológicos e filosóficos usados como base para o desenvolvimento de pesquisas sobre Musicoterapia no Brasil, por meio de uma análise documental, no período compreendido entre 2004-2014. Entre outros, os resultados apontam que as abordagens de pesquisa Descritiva e Bibliográfica são as principais utilizadas na área de Musicoterapia.

O trabalho de conclusão de curso de Daniel da Conceição Santana, sob a orientação da professora mestre Regina Girão, intitulado "Compreensão sobre o processamento sensorial no transtorno do espectro autista como ferramenta para a intervenção musicoterapêutica", apresenta uma reflexão sobre a atuação da Musicoterapia na avaliação diagnóstica e intervenção clínica a partir de estímulos sensoriais e cognitivos a pessoas com TEA e possíveis intervenções musicoterapêuticas. O trabalho teve como metodologia uma revisão bibliográfica, em trabalhos publicados nos últimos 15 anos.

O último artigo desse número é um texto em língua inglesa, "Plasticity and Elasticity: Qualities of the Music Therapy Room", de autoria de André Brandalise. O trabalho é apresentado com duas vinhetas clínicas para discutir duas qualidades de uma sala de musicoterapia, a saber: plasticidade e a elasticidade. O autor conclui que a experiência musicoterapêutica, realizada através do fazer criativo-musical, pode alcançar níveis mais abrangentes, colaborativos e sociais.

Sheila Beggiato

Editora Geral da Revista Brasileira de Musicoterapia